

## 6

### Referências Bibliográficas

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da animação. Técnica e estética através da história**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDET, Jean-Claude; GALVÃO, Maria Rita. **O nacional e o popular na cultura brasileira**. Embrafilme: Editora brasiliense. S.A, 1983.

BOMFIM, Gustavo Amarante. **Sobre a possibilidade de uma teoria do design**. Anais do P&D Design, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, nov, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CASCUDO, Camara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

CASCUDO, Camara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A, 1976.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

CROCOMO, Fernando. **TV digital e produção interativa: a comunidade manda notícias**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

FONSECA, Rodrigo. **O cinema se rende ao império do Peixonauta**. Segundo Caderno, Jornal O Globo, 9 de Nov, 2012.

GIL, Gilberto; PORTA, Paula. **A diversa e sofisticada produção cultural brasileira deve ser entendida como um dos grandes ativos econômicos do país**. Jornal Folha de São Paulo. 3 de Fev, 2008. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/02/03/economia-da-cultura-2/>>. Acesso em: 20 de dez, 2012.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra / Embrafilme, 1980.

GOMES, Andréia Prieto. **História da animação Brasileira**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2008. Disponível em: <<http://www.cenacine.com.br/wp-content/uploads/historia-da-animacao-brasileira1.pdf>>. Acesso em: 06.10.2012.

INAGAKI, Camila Mitiko; PAULA, Bruna Thaís; SCHNEIDER, Carla. **O legado canadense, através do NFB, no desenvolvimento do cinema de animação no Brasil**. Universidade Federal de Pelotas. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1513-1.pdf>>. Acesso em: 23 de Dez, 2012.

KOBOL, Fábio. **Cinema uma questão de Estado**. Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 5, n 52, jan, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MARTÍN-BABERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARSON, Melina Izar. **“O Cinema da Retomada: Estado e Cinema no Brasil da Dissolução da Embrafilme à criação da Ancine”**. Universidade Estadual de Campinas. 2006.

MIRANDA, André. **A TV em uma nova era**. Jornal O Globo. 22 de set, 2011, p.12.

MORAES, Malú, coord. **Perspectivas estéticas do cinema brasileiro: seminário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Embrafilme, 1986.

MORENO, Antônio. **A experiência brasileira no cinema de animação**. Embrafilme: Editora artenova, 1978.

MULTIRIO. **Juro que Vi... lendas brasileiras**. Rio de Janeiro, 2005.

MULTIRIO. **Nós da Escola**. Ano 3, N 28. Rio de Janeiro, 2006.

NESTERIUK, Sérgio. **Dramaturgia de série de animação**. São Paulo: Edição do programa ANIMATV, 2011.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema novo: um balanço crítico da Retomada**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

ORTIZ, Renato. **Mundialização da Cultura**. São Paulo: Brasiliense. 2002.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: DIFEL / DIFUSÃO EDITORIAL, 1978.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (tomo1)**. Campinas, SP: Papiros Editora, 1994.

ROLAND, Barthes. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1957.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Indústria cultural: Bourdieu e a teoria clássica**. Revista USP, nº 22, 2001. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4505/4226>> Acesso em: 18 de Nov. 2012.

TAVARES, Marcus. **Um caminho para a qualificação.** Site: Animação Brasil-Cuba. 16 de Mai, 2011. Disponível em <<http://www.ctav.gov.br/animacaobrasilcuba/?cat=27>> Acesso em: 14 de Nov, 2012.

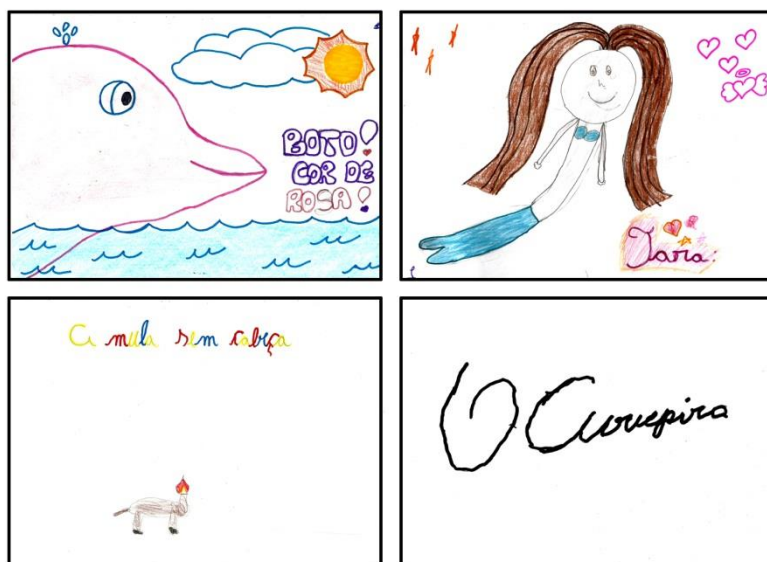
VIEGAS, Diogo. **Anima Mundi é o natal dos animadores.** 23 de Set, 2012. Entrevista concedida ao programa Animanía. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/galeria/videos/2012/07/diogo-viegas-anima-mundi-e-o-natal-dos-animadores>> Acesso em: 16 de Out, 2012.

\_\_\_\_\_. **Falta de mão de obra limita animação.** Jornal O Estado de S. Paulo. 15 de out, 2012. Disponível em <[http://www.abpitr.com.br/files/15\\_10\\_estado\\_sp.pdf](http://www.abpitr.com.br/files/15_10_estado_sp.pdf)> . Acesso em: 21 de jan, 2013.

## Apêndices

Entrevista com a produtora da série *Juro que Vi*, documentos e questionários realizado pelos alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

Abaixo seguem os *links* das animações realizadas pelos alunos da turma 1501 da E. M. George Sumner durante o processo de investigação da dissertação “**A imagem animada enquanto meio de manutenção das tradições populares na contemporaneidade brasileira**” no ano de 2012.



O curupira

<http://vimeo.com/59747002>

O Boto

<http://vimeo.com/60071204>

A Iara

<http://vimeo.com/60069188>

A Mula sem Cabeça

<http://vimeo.com/60073265>

## Entrevista com Patrícia Alves Dias

Produtora e diretora de filmes de animação para infância. Coordenou o Projeto de animação, assinado pelo Ministério da cultura do Brasil e de Cuba, que resultou no curta *O Caminho das gaivotas*, realizado em 2011. Produziu a série de animação *Juro que vi*, realizada na Multirio entre os anos 2001 e 2010. Além disso, foi uma das participantes do primeiro curso profissionalizantes em animação que aconteceu em território nacional no ano 1985.

Em entrevista em sua casa, na data de 6 de maio de 2012, Patrícia contou sobre a origem da série *Juro que vi*, desenvolvimento, produção e o papel do diálogo com as crianças durante o processo e seu impacto no produto final.

**Sandro – Patrícia, fale um pouco do início do processo da animação da série “Juro que Vi”, ou seja, do início do projeto.**

**Patrícia** - Nós não tínhamos fundado os estúdios de animação da Multirio, mas tínhamos um departamento que chamávamos de multimídia. E a gente tinha a convicção de que a Multirio precisava ter um departamento de desenhos animados.

**Sandro - Você lembra o ano?**

**Patrícia** - Foi logo na entrada da Professora Regina de Assis, entre 2001 e 2002. Ela recebeu uma proposta de um produtor holandês ou sueco para que o nosso grupo, que era ainda da multimídia, produzisse animações fazendo uma coprodução onde a gente produziria para eles.

E em diálogo com a Professora Regina, eu perguntei por que iríamos produzir para os outros, com um conteúdo de fora do país se a gente tem os artistas, tem temática, tem projeto e a gente pode produzir... porque era muito interessante o material de fora e poderia atender a Rede também. E ela na mesma hora entendeu que não fazia sentido produzir com conteúdo de fora, pois seria uma coprodução onde a gente estaria basicamente animando um conteúdo que não era nosso. O roteiro deles estava todo pronto.

E a Professora Regina sempre foi muito democrática e ela trabalhava ouvindo um grupo, que eu chamo de grupo editorial, ela tinha este G.T (Grupo de Trabalho) de criação e um G.T. de assessoria de programação de todos os projetos. E as pessoas acharam que era

impossível fazer desenho animado, eles deram o exemplo da *Sapequinha*, acharam que demoraria muito. Eu disse que não, pois a ideia é a gente montar uma estrutura e um estúdio.

Se pode produzir para fora porque não pode produzir para dentro? A Professora Regina se convenceu, foi contra todo o grupo assessor e acreditou na gente. Ela disse que queria o projeto em quinze dias. Nós não entregamos o projeto em quinze dias, evidentemente, mas começamos a trabalhar e ver o que existia. Fizemos um levantamento do que já havia de desenhos animados para crianças no mercado brasileiro e o que existia fora.

Aquele momento era de vácuo profundo, não havia quase nada sendo produzido para criança, sobretudo no âmbito de televisão. Tinha as iniciativas do “Curta Criança”, mas foi num momento logo posterior ao nosso. O “Juro que Vi” é pioneiro neste campo de ter um recorte para infância e ter um recorte pensando em identidade nacional. E sobretudo pioneiro em ter as crianças como colaboradoras na escuta, no processo de desenvolvimento ao lado do grupo do projeto.

No momento que começamos a trabalhar percebemos, não só este vácuo do mercado no sentido de produção voltada para criança, mas, sobretudo, em nosso mapeamento não havia nada sobre folclore. Até existia para adultos, mas não existia voltado para infância. Havia um trabalho ou outro... a gente tinha trabalhos clássicos como “O Saci” de 1940, havia a “Sinfonia Amazônica”, ou seja, não havia um foco.

A ideia era a gente pensar na longevidade, em um projeto que não se findasse. Como o nosso foco de observação era a Rede e nosso diálogo era com as crianças da Rede, pois já tínhamos iniciado o trabalho “Carta Animada pela Paz”, tínhamos feito o primeiro diálogo com elas e com esta aproximação tivemos uma percepção que faltavam heróis para as crianças. Faltavam heróis brasileiros.

Poderia se falar de folclore, mas não se falava na posição de herói. Não se falava de forma que atendesse que o mito ou aquele personagem se colocasse numa posição de herói. E herói representando a identidade nacional e representando o Rio de Janeiro.

Naquela momento considerávamos que, por conta das diferentes características das CRE's, que o Rio era, de certa forma, o mapeamento do Brasil, uma espécie de espelho. Quando a gente ia para Rede encontrava uma criança do Piauí, uma criança do Amazonas, uma outra pernambucana... que estavam localizadas, sobretudo nas regiões de baixo IDH.

E o fato de percebermos esta falta da coisa do herói reforçou ainda mais a tese de trabalhar com folclore e lendas. Fomos mais longe porque dentro deste levantamento percebemos também que faltava o trabalho com a oralidade, o contar história, de fazer um trabalho de contação.

O que se via nos filmes e desenhos animados que eram produzidos com a vertente de contar uma história numa narrativa cinematográfica e não de forma que levantasse e valorizasse a questão da oralidade nacional. Estávamos muito preocupados de recuperar, de trazer para a criança o diálogo, e para isto achávamos que a gente devia contar história. Aquela coisa de sentar ao redor da fogueira, de se aquecer, de que os grandes mestres passam conhecimento... e isto reforçou mais ainda a questão do contar, por isso que a gente optou por um narrador, resolvemos fazer narração no início e no final. Os filmes poderiam não ter nenhuma narração. Podemos ver o filme do princípio ao fim e ele contará a história sem a narração, ele se basta cinematograficamente, mas a gente percebia que era importante reforçar esta questão da oralidade.

Tudo isto foi elemento de pesquisa, de levantamento inicial para termos o primeiro momento do que iríamos trabalhar. A gente percebeu que queria trabalhar com oralidade, com popular, com personagens do folclore nacional, com personagens que levantassem a autoestima da criança. Decidimos que trabalharíamos inicialmente com elementos da natureza e personagens que representassem alguns destes elementos. Este foi o projeto que apresentamos para a Professora Regina.

### **Sandro - Já tinha os cinco personagens definidos?**

**Patrícia** - Não, só sabíamos que se trabalharia com oralidade, com folclore. O projeto foi aprovado e era isto que a gente queria para formar os estúdios de animação. Essa era a ideia.

A Professora gostou muito do projeto e pediu para que fossemos em frente. Ela mensurou o projeto e delegou a formação de um grupo, de um G.T. formado por antropólogos, por psicólogos, professora Jobim, as assistentes dela, um grupo de educação que era representado pelo próprio Marcos Osório, Professora Regina e mais os artistas. O grupo de desenvolvimento de projeto era um grupo rico porque era um G.T. de produção. Aí sim, começaríamos a trabalhar a partir deste momento.

Começamos as pesquisas trabalhando em cima desta questão do folclore. Bebemos na fonte do Câmara Cascudo. O Instituto Mitus e o Instituto de Alves Dias, porque ele mandou material de Mainá que é outro folclorista contemporâneo do Câmara Cascudo, e outros folcloristas que eram difíceis de serem encontrados nas pesquisas habituais. O grupo da Solange trouxe um material com o olhar mais voltado para a psicologia... Fomos trilhando e mapeando. Havia um desejo artístico e cinematográfico. Havia esta compreensão de que precisávamos ter um herói então começamos com a ideia de trabalhar com o Curupira. Mas isto só se reforçou quando fomos para o grupo, quando começamos a trabalhar com as crianças porque inicialmente era um herói num papel de anti-herói tanto é que depois o anti-herói se assumiu no lugar do Tobias, mas era sempre um anti-herói. Não conseguíamos identificar ainda a necessidade de ser um herói efetivamente. Tanto é que todos os primeiros *concepts*, todos os *character design* no início eram todos duendezinhos, meio sereezinhos de floresta, meio extraterrestre, ou seja, tinham um “q” de mágico, de magia. E não tinham esta coisa mais presente do herói. O trabalho das crianças e tudo isso acabaram por definir as câmaras baixas, como se ia chegar aos ângulos da decoupage, qual postura ele iria ter, ele deixava de ser aquele serzinho, que depois se assumiu no Saci, brincalhão, que ia fazer prenda e que ia pegar o caçador porque estava fazendo alguma coisa errada. Ele começou a ser um ser que procurava justiça, que procurava representar o que seriam estes excluídos que estavam no papel dos animais, mas que, na verdade, ali tem representação da maternidade, da criança, enfim.

O grupo em desenvolvimento funcionava sempre trabalhando que aspectos a criança brasileira estava necessitando, isto era um outro

vácuo. A gente percebeu que estavam precisando de heróis, que estavam precisando falar de folclore e fomos percebendo mais longe. Tínhamos contato com a Rede que era o nossa interlocutor e isto fazia com que nós tivéssemos mais do que um mapeamento, um olhar específico para a criança porque a gente conversava com elas. Então, não era um mapeamento, não era uma pesquisa quantitativa. Era uma pesquisa direta nas crianças e percebemos que tínhamos o mapeamento de que necessidades eram estas. Isto era um olhar muito característico da Professora Regina de Assis que buscava o que a infância necessita. Detectávamos fatos como as questões dos anseios, as faltas, a questão da violência, do abandono.

A gente conseguiu mapear um pouco cada personagem a partir desta questão dos elementos fogo, terra, água e ar. Que elementos seriam estes? A partir destes elementos o que podemos apresentar das questões? Poderíamos responder a estas necessidades e destes anseios das crianças a partir destes elementos arquetípicos que cada personagem desse poderia trazer. E começamos a trabalhar paralelamente com o Curupira e logo em seguida veio a Iara e o Boto.

Tivemos a benção de encontrar a professora Terezinha, que era uma contadora de histórias e já fazia um trabalho magnífico de contação com tapetes, e ela fazia uma interlocução com as crianças e também poderia nos responder diretamente porque estava em diálogo com as crianças mais do que a gente. Ela podia dizer se a nossa percepção e a nossa intuição fazia sentido.

**Sandro - Foi a professora Terezinha que levou vocês até a Escola George Sumner?**

**Patrícia** - Não, foi o mapeamento de pesquisa. Pesquisamos as CRE's para saber que lugares interessantes estariam ligados à contação de história, foi assim que a gente chegou lá. E chegando nela foi o grande encontro, estava marcado no destino.

**Sandro - Hoje a sala de leitura do colégio tem o nome dela.**

**Patrícia** - É, ela inspirou. No livro tem na primeira página, o mapa de como a gente chegava lá.

O processo foi o utilizado no “Carta Animada pela Paz” onde nós sentíamos que vácuo era esse, mapeava em qual crer este vácuo poderia estar, tinha a confirmação, encontrava a escola, confirmava se aquela era a escola e que parceiros eram estes que poderiam trabalhar com a gente. Na verdade, não havia como chegarmos e desenvolver sem parceiros, pois tinha que haver interlocução porque senão perde o sentido do que a gente busca, da fala da criança.

**Sandro - Voltando para os personagens: A ordem foi Curupira, Iara e Boto. E qual momento surgiu a Matinta?**

**Patrícia** - A *Matinta* foi um grande conflito. Ele é o filme que eu acho mais redondo, é o mais fechado dentro deste processo de diálogo com criança, dentro deste processo de amadurecimento da equipe, o estúdio estava consolidado, estava constituído, e não só do ponto de vista de equipamento. Porque quando começamos a gente não tinha furador de papel. Ficamos instalados provisoriamente, mas tivemos as bênçãos da Professora Regina e nossa convicção. A benção se concretizou.

Quando a gente convidou o Humberto para trabalhar com a gente em 1995, já era um sonho dele fazer futuramente um estúdio de animação. Era uma coisa que não tinha como voltar atrás. E não era só animação por animação. Começou a ter um sentido diferente. Começou a se confirmar que o trabalho de infância para o desenho animado fazia sentido. Porque antes a gente desenvolvia um trabalho com *live action*, com jovens, trabalhos que vinham de antes, mas que na Multirio se consolidaram. Mas não tinha esta possibilidade de desenvolver e ter um acompanhamento com a Rede, um diálogo com a Rede.

Quando o *Matinta* surgiu. Que mito seria este... o que estava faltando... já era dentro deste mapeamento, do que era necessário falar. Sentíamos que era importante falar destas questões metafísicas. Porque o ocidente não fala disto com as crianças. Porque as crianças têm muitas perdas. E porque a questão da morte está presente em vida, inclusive.

Não necessariamente a morte em si, mas existem as perdas que são muito latentes neste mundo contemporâneo. A gente percebia isto com muita força. Nós achávamos que a questão da morte estava muito próxima também da questão da relação do velho com o novo. Das relações com os avós...

Foi o trabalho mais difícil porque as crianças, no geral, deixavam perceber uma depreciação, um abandono por aquele que fazia o papel do mais velho. Que não eram velhos, eram todas pessoas mais novas, inclusive. Porque são os novos avós que criam os netos.

Então, o *Matinta* foi o mais difícil, do ponto de vista do diálogo com as crianças. Mas artisticamente ele... normalmente fazíamos 12 encontros porque o desenvolvimento de projeto é o que demorava mais, e o *Matinta* foram mais de 30 encontro e a coisa não andava, ou melhor, as respostas é que não vinham, ficava tudo em aberto. Mas quando veio, veio de vez. As certezas vieram e aí foi possível se trabalhar.

Era difícil para equipe falar, assim como era para as crianças, era difícil para a gente trabalhar a morte. Eu nunca tinha trabalhado a questão metafísica, a gente nunca havia trabalhado efetivamente isto. Então eu acho que foi mais difícil por isso.

**Sandro - E porque o Saci foi o último? É um mito que talvez seja um dos mais conhecidos.**

**Patrícia** - Exatamente por isso. Precisávamos trazer o que não era conhecido ou o que era conhecido com outro aspecto. E o que as crianças queriam ouvir. Então a gente fazia este mapeamento também, não através da escolha do personagem, mas no aspecto de quais eram as suas ânsias. No aspecto de que questões arquetípicas eram estas.

A questão do Saci, o trabalho infantil, era uma das questões. Era a questão da antecipação da fase de adulto, a perda da infância por conta das questões que a contemporaneidade vem apresentando e trazendo para as nossas crianças. Era uma questão que estava ali, estava latente e que, de certa forma, é pontual em quase todos, mas já havia uma representatividade do Saci no Sítio, no Curta Criança, no *Saci* clássico de 40. Então ele veio como se fosse um fechamento com chave de ouro.

Resolvemos fechar com aquilo que já existia, mas com uma releitura nossa, trazendo questões fortes que as crianças estão procurando. Não foi simplesmente o Saci pelo Saci. Trouxemos uma releitura. Mas era perigoso e tínhamos uma resistência porque eu já havia desenvolvido um projeto com Saci anteriormente.

Eu e o Sérgio Glenes tínhamos um projeto todo pronto, que ganhou um edital e terminou sendo feito pela produtora, que a gente concorreu por eles, e eu deixei o projeto. Era um projeto com o Sítio do Picapau Amarelo. Havia um trabalho com a família do Monteiro Lobato e não seguimos com este projeto. Logo depois fomos desenvolver com a Vídeo Filmes um outro projeto, também do Sítio do Picapau, e também não teve continuidade.

Mas o Saci tinha uma certa resistência porque ele não deixa de ser a representação da criança, mas ele tinha várias possibilidades. Todos estes mitos têm várias possibilidades, de caminhos por onde você vai chegar. Depende do que você quer falar, então, de qualquer um você pode fazer hoje uma releitura destes mitos e trazer novos aspectos. Se você conversa com as crianças você vê o que elas querem trazer.

Há questões, por exemplo, como a lara, que a gente achava ela ia trazer como a sensualidade e não veio. O que veio, o que era mais latente foi a questão da dualidade do belo e do feio. E veio a questão, muito forte, do consumismo, do consumo, dos modelos, do padrão de beleza. Isso derrubou a gente, nós fomos lá com uma tese e eles derrubaram a gente.

Isto é, que é mais interessante. Você se deixar surpreender, e se possibilitar alterar aquilo que você estava pensando, o que você está fazendo, para ouvir o que aquela criança quer te falar. Mas tarde, a questão da sexualidade ela veio com o Boto. Era evidente que ele traria a coisa da sexualidade também, mas a gente percebeu que havia uma outra questão. A família era mais forte do que a questão da sexualidade.

Na medida que você analisa a lenda você acredita que o recorte é de gênero, o recorte é sexual. E não era. O recorte era a família, era o amparo, era o abandono, as famílias desconstituídas. Eram as famílias com as novas constituições. Ou seja, você tem que se deixar

surpreender, isto foi interessante nos processos do *Juro que Vi*. Isto é o que eu considero mais louvável enquanto processo.

Hoje, estando no grupo de pesquisa da Rita Ribes da UERJ, eu consigo perceber que o que tem de mais interessante no projeto, se você olha ele hoje, já realizado com os filmes prontos, o fato de se recuperar o que as crianças estavam dizendo para você naquele momento, isto era o maior presente.

Temos grupos que falam que nós trabalhamos com 15 crianças, às vezes 10 crianças por filme. Eles questionam que representação é essa, que validade teria, que peso tem isto, para podermos dizer que esta é a representação das crianças.

Não era das crianças, era daquelas crianças, que estavam trazendo questões da infância que eram fundamentais. E quando exibidos os filmes a gente percebe até hoje o retorno.

Por quê? Porque uma criança é a representação da infância e se você passa para cem crianças aquele mesmo filme do qual uma criança foi a sua interlocutora, isto faz uma diferença absoluta.

**Sandro - E quanto à relação do passado, no caso da lenda original, como você vê a animação contribuindo para essas lendas antigas. Este contar antigo. Este recontar novo com as novas mídias. Até que ponto você acha que isto contribui em resgatar estas lendas?**

**Patrícia** - A intenção não era resgatar as lendas, era resgatar uma identidade. E as lendas trazem a identidade.

Eu acho que em qualquer conteúdo em que se tenha este recorte da identidade, seja na cantiga de roda que mais nós trouxemos também por uma questão de vácuo que percebemos que a Rede estava apresentando, as crianças apresentavam um grito. Quando chegávamos no *Carta Animada* e perguntava o que elas queriam falar para o mundo. A gente também fazia isso no *Juro que Vi* e fazia no *Cantigas* de outra forma. Com outra metodologia de abordagem e de diálogo, mas se percebia que efetivamente a gente podia estar falando, por exemplo, de negritude, a gente podia estar falando de outros recortes.

Mas não é a lenda que importa, o que importa é o que as lendas, o que a oralidade e o que estes personagens estão trazendo para recontar para as crianças questões arquetípicas universais, no olhar brasileiro, que não podemos deixar de discutir. A questão não fica só de ser folclore, mas fica do que é que eu quero falar.

E porque eu escolhi isto? Porque isto é tradição. Porque isto tem força, por que isso foi contado ao redor de uma fogueira, isto foi contado por avós antes de se dormir. Isto foi contado quando os registros ainda eram orais, então, isto foi contado ainda nas culturas ibérica e africana. Porque é tradição e é neste sentido que elas transportam e carregam questões arquetípicas.

Poderiam ser as cantigas como foram no *Cantigas*, também trouxemos uma releitura das cantigas, a gente não fez as cantigas como elas eram. Mas na releitura delas percebemos o que tinha por trás do que elas estavam dizendo, também os aspectos universais e arquetípicos.

Que tem que ser conversado com as crianças, não é simplesmente usar o discurso de que tem que ensinar a criança. Temos que dialogar com a criança. A gente vê a maior parte dos realizadores produzindo para criança no mundo argumentando que quer ensinar para criança, quer passar um conteúdo para criança. E isto não tem que ser assim. A criança é que tem que nos ensinar, se você para e escuta o que ela tem a dizer.

#### **Sandro - Fala um pouco sobre a questão estética.**

**Patrícia** - É uma questão interessante e também me surpreendeu. O nosso grupo era muito bom, muito consolidado, cinematograficamente falando. Pessoas muito talentosas e jovens e que nunca haviam feito o seu próprio filme, como o Humberto. Mas ele nasceu diretor, porta um talento muito grande, mas é claro que era ele. A nossa parceria foi sempre eterna, neste sentido. Quando eu convidei o Humberto para lá, já vinha de sonhos antigos que tínhamos. E desde a época da *Campanha da Fome*, que fizemos juntos, havia esta trinca: produtor e diretor. Mas com este olhar específico de desenvolvimentos. Só que nós amadurecemos muito lá. A gente cresceu muito como realizador porque aprendemos efetivamente o que era um desenvolvimento de projeto.

E eu me inspirava muito no trabalho do João Moreira Sales. Na época eu já tinha passado pelo João, tinha visto uma entrevista dele falando como era o processo de criação dele. Ele fazia um trabalho de subir algumas comunidades e falar de história da arte. E naquilo tinha algo que mexia em mim. A experiência que eu tive com ele no projeto que estávamos desenvolvendo no *Sítio do Picapau* tinha esta provocação e esta instigação que eu já havia percebido.

Eu me inspirava muito no João Moreira Sales e na Lia Renha, que eu sempre considerei uma mestra como diretora de arte. Nós tínhamos passado alguns processos de desenvolvimento juntas, desenvolvimento artístico, desenvolvimento de projeto, de como chegar a caminhos de direção de arte.

Era diferente. Era para ser aquele momento e o Humberto acolheu isto com muita generosidade, contrário do que poderia parecer porque, embora fosse o primeiro filme dele, ele poderia ter tido uma postura de diretor, destes diretores tradicionais, mas ele não teve. Todos nós tivemos uma postura de generosidade e de compreensão. Não só o talento, mas o olhar, a agucidade, ela veio de outra forma. E foi tudo muito fluorescente e esteticamente o trabalho cresceu profundamente.

Eu não estou dizendo que a gente vá atribuir às crianças. Como elas próprias dizem: “Eu criei o Curupira, eu que decidi isto...”. Elas não criaram, mas elas deram os caminhos porque ali tinha um diálogo. E elas o fizeram a ponto da gente se deixar surpreender e ter que mudar e fazer o Curupira ser um herói e não um duende encantado, e não um ser mágico da floresta.

**Sandro - E como se chegou no outro diretor que é o Sérgio. Como foi a escolha?**

**Patrícia** - A ideia era ter uma diversidade de diretores. Como ocorreu no *Cantigas* que foi o exercício e que funcionou assim.

A ideia era que o Humberto estava formado e a gente precisava formar outros diretores, que tivesse esta visão para a criança, que tivesse esta visão do diálogo, este se deixar surpreender e de estar aberto. Por isso que esta experiência do *Cantigas* foi tão valiosa, porque tinha um

processo de formação, mas o que importava na equipe não era somente o diretor, toda equipe precisava estar atenta a isto.

Porque se um animador faz uma cena que deixa passar uma situação diferente e incoerente com aquilo que a gente acredita, do respeito à infância, do respeito a produção do conteúdo de qualidade, já era, acabou. Então todos participavam, todos criavam, todos definiam, todos. O processo democrático era muito interessante.

E se voltar para a criança em cada fase, cada filme teve uma fase de desenvolvimento onde a gente tinha mais acompanhamento da criança. Era quando a gente definia, e era aquilo que a gente estava exercitando. Todo o projeto foi uma grande investigação. Tínhamos conseguido fazer o Curupira, provar que se podia fazer no âmbito público, a gente viu que era possível fazer na Multirio e resolvemos fazer uma experiência diferente, fazer fora, fazer no mercado.

A gente dirigindo, mas o mercado produzindo. Tivemos o feliz encontro com a Anima King, são parceiros até hoje, e o Serginho foi convidado para dirigir fora. Foi uma experiência totalmente ímpar, era outra produtora, não tinham todos da nossa equipe, mas parte destes animadores foi absorvida depois no Matinta. Por isso eu acho que é uma coisa que se fecha um pouco com a maturidade do projeto.

### **Sandro - Fale sobre o fim do projeto.**

**Patrícia** - A gente fala que fechou com chave de ouro, porque o Saci fala de infância, fala de trabalho infantil. Ele conseguiu fechar, então, os cinco episódios. Tínhamos um projeto de, quem sabe, transformar esta série em longa porque percebíamos que os filmes quando exibidos juntos, eles funcionavam muito bem. E tivemos vários diferentes públicos infantis, desde crianças na população ribeirinha do Alto São Francisco, no Sertão. A gente passava os filmes em sequência e funcionava muito bem e isso nos dava a convicção de que poderia virar um longa-metragem.

Infelizmente, com a nova administração não foi possível continuar, espero que um dia se tenha percepção e reflexão de que foi um grande erro. O *Juro que Vi* tinha um potencial de demonstrar que era possível fazer uma produção de qualidade, de baixo custo, como foi. Porque de

certa forma o orçamento da série atendia a um estúdio todo, atendia a televisão também, a gente fazia vinhetas, fazíamos o projeto *Carta Animada pela Paz* que é reconhecido politicamente pela Unesco, pela ONU, a gente fez o *Cantigas de Roda*. Ou seja, paralelamente nós formamos mercado, aquecemos o mercado, criamos um padrão de referência de qualidade no setor. Então, o orçamento é razoavelmente baixo, era considerado mediano porque eram curta metragens. Mas eram curtas *full animation* de alta qualidade, mas eram orçamentos absolutamente, eles eram superiores no Brasil, mas inferiores se forem comparados no âmbito internacional, com a qualidade que nós apresentamos.

E teríamos um longa de qualidade, um filme brasileiro para criança que falaria da nossa identidade com uma metodologia diferenciada. Infelizmente não se concretizou, é uma pena. E a história vai demonstrar que foi um erro político.

Erro político, no sentido de política pública para infância.

**Sandro - No momento atual, com as novas leis, você acha que a animação de identidade vai ter mais espaço ou acha que as questões de mercado vão dominar?**

**Patrícia** - Eu acho que isto não importa. Acho que o que importa não é o que você quer falar, e sim como você quer falar. Acho que você pode pegar um conto de Shakespeare e trazer toda a brasilidade. Nós pegamos Linda Roda Juvenil e trouxe uma princesa do Sertão onde a gente falava de história de princesas e castelos.

Então, não é só na escolha do autor que vamos dizer que está se fazendo um trabalho de importância, de referência, de qualidade e de respeito para criança. Eu acho que importa são outros dados e outros pontos. Como se fala, porque se fala, o que você quer com aquilo. E isso pode se transformar em mercado também. Porque não se apontar um caminho diferente do que é trazido hoje? Ou não...

A questão é que você faça filmes por artistas brasileiros, com qualidade e apropriados para criança.



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO  
Rua Afonso Cavalcanti, nº 455 – sala 412 – Bl. 1 – CASS  
Cidade Nova – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20211-110  
Telefone 2976-2296

### AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Sr (a) Coordenador (a) da E/SUBE/CED/3ªCRE

Autorizamos SANDRO LOPES DOS SANTOS, da PUC-RIO, a realizar a pesquisa **“A IMAGEM ANIMADA COMO MEIO DE MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES POPULARES NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA”**, de acordo com o processo n.º 07/03/002572/2011, na Escola Municipal George Sumner, da Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino com validade para 2012.

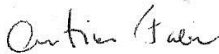
A pesquisa conta com o parecer da equipe responsável e o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.

A presente autorização não compreende a utilização de imagem de profissionais, alunos ou outros membros da comunidade escolar.

A pesquisadora se compromete a respeitar a rotina das escolas e a divulgar os resultados à Coordenadoria de Educação, conforme a Portaria E/DGED Nº 41/2009.

Esta autorização deverá ser entregue na sede da E/3ªCRE.

Rio de Janeiro, 21 de março de 2012

  
Maria Cristina Faber de Castro  
11/100818-4

Escola Municipal George Sumner  
Professora: Fátima de Oliveira  
5º ano / Turma 1501

### **Questionário de Pesquisa:**

#### **Lendas Brasileiras**

- 1- A escola contribui para manutenção da cultura popular brasileira?
- 2- As lendas brasileiras são trabalhadas em sala de aula com os alunos? Quais e porquê?
- 3- Quando essa temática é trabalhada em sala há apoio de material paradidático? Quais?
- 4- Existe alguma orientação e apoio da Secretaria Municipal de Educação para aplicação dessa temática em sala de aula?
- 5- Os meios audiovisuais atuais podem contribuir para manutenção desse imaginário nas crianças da atualidade?
- 6- Qual a relação dos alunos com os “desenhos animados”? Os alunos tem acesso a animações com temática brasileira? Onde?
- 7- A série de animação *Juro que Vi* trabalha a temática mitológica brasileira. Você acredita que esses filmes podem ajudar a difundir e perpetuar essas histórias na atualidade?

← → ↻ <http://br.mg6.mail.yahoo.com/neo/launch.rar> Solicitações para adicionar Gmail: e-mail do Google ANIMAÇÃO CAMISINHA BAN... EBC | Cultura | Diogo Viegas: "...

**YAHOO! MAIL** Fátima Oliveira  Buscar no Yahoo! Mail  Buscar na Web

ENTRADA COMATOS Solicitações para ad... Fwd: Edital belas Art... BUSCAR: Fátima Oli... RE: Questionário pa... RE: Questionário pa...

Escrever ✎

**Entrada (999+)** Conversas

**Rascunhos (110)**

Enviadas

Spam (36)

Lixeira

PASTAS +

MESSENGER

artus\_agv

mbacultural

Contatos principais

APLICATIVOS

Notbook HP Pavilion G4-2240br  
• Multitouch HP Display  
Ink Advantage 3516  
Processador Intel® Core™ i3, 4GB de RAM,  
500GB de HD, LED 14" e Windows 8  
De R\$ 1.999,00  
Por **R\$ 1.899,00**  
Compre agora

**RE: Questionário para dissertação** 28 Dez 2012

Oi Sandro,  
O meu Natal foi bom e o seu?  
Recebi o seu questionário sim. Desculpe não te retornar antes as coisas se enrolaram por aqui.  
Infelizmente não poderei responder as perguntas por e-mail pois segundo a minha diretora, só poderia fazer isto por escrito com a autorização da CRE senão poderei causar problemas para mim e para a escola.  
Eu não gostaria de prejudicar a sua tese e se você quiser posso responder as perguntas por telefone pois creio que assim será como uma entrevista e não haverá problemas. (Acho até que já as respondi na escola, mas posso fazer novamente).  
Só não poderei deixar por escrito os meus dados e os da escola por questões burocráticas da CRE E PREFEITURA DO RIO.  
Se você precisar das perguntas por escrito, assim que a autorização da CRE chegar te envio por e-mail.  
Estarei a disposição para te responder quando você quiser. O telefone da minha casa é 021-31265084.  
Um abraço,  
Fátima

Date: Fri, 28 Dec 2012 08:49:39 -0800  
From: sandroslopex@yahoo.com.br  
Subject: Questionário para dissertação  
To: fog1965@hotmail.com

Olá Fátima,  
Como foi o Natal? Um Feliz Natal atrasado.  
Você recebeu o questionário? Se puder, me envia até domingo, vou anexar ele na dissertação.  
Besos  
Atenciosamente,  
Sandro

De: sandro lopes <sandroslopex@yahoo.com.br>  
Para: Estima Oliveira <fog1965@hotmail.com>

**PUBLICIDADE**

**SÓ NESTA QUARTA**  
RELÓGIO MODELO  
TAG Heuer  
GRAND CARRERA

DE R\$599,90 POR SÓ  
**129,90**  
RESPONDE  
R\$ 10  
APROVEITE!

PT 16:20 06/02/2013

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: TatianaAluno: AlanIdade: 12 Série: 5<sup>a</sup> ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

lenda do boi preto, curupira, mula sem cabeça, e a lenda da Jaci e Jacidinho.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

a lenda do Curupira.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

na escola.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

porque é muito bom para a importância das crianças.

**Questionário de pesquisa:**

**Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Edimara de Oliveira Gastão

Aluno: Lina Beatriz da S. Santos

Idade: 11 Série: 5º ano Turma: 1503

1- Quais as lendas que você conhece?

O Bicho cor de rosa, Buitato + buch  
Boia, lera do Banheiro, Boneca assustada  
Curupira, mulher do espelho, Dasi  
Mula sem cabeça lura, Samara de

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Buch, Boneca assustada, lera do  
Banheiro Buitato porque é muito terrível.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Por livros e nos filmes.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Porque ajuda as crianças não ter  
medo

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Edionara de Oliveira GóesAluno: Ana Aparecida Silva de LimaIdade: 13 Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

A lenda do Boto A lenda da  
Lagoa A lenda do Curupira  
A lenda da Mulher de Espelho e  
A Louca do Baixo

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A Mulher do Espelho eu mais  
gosto dessa lenda por que e  
muito legal

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Na TV e pela minha irmã

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Por que e muito bom e muito  
legal

### Questionário de pesquisa:

#### Lendas brasileiras

Escola Municipal George Sumner

Professora: Yatima Oliveira Bastos

Aluno: Barbara S. Souza Rocha

Idade: 10 anos Série: 4º 5º Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Saci, Curupira, Loba, Boitatã,  
Compiro, Boto la de rosa,  
mula sem cabeça, etc, itumbá  
a Boneca assustadora Somaria

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Loba - Compiro | Compiro adoro  
eles e sempre quis ser mordida por  
uma por que ela é uma moça  
muito bonita.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

nos livros as pessoas falam  
muito

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

elas aprenderem mais e gostarem  
de saber sobre as lendas  
brasileiras

# Questionário de pesquisa:

## **Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Galina de Oliveira Costa

Aluno: Thiago da Silva Marciel

Idade: 12 anos Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

A mula sem cabeça - O Boto - Iara - Saci - Curupira

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Curupira e mula sem cabeça. Porque elas são muito legais.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci na escola.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Porque as lendas são muito legais para as crianças lerem.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Isolina de Oliveira SantosAluno: Byzma Gomes de OliveiraIdade: 12 Série: 5ª Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Saci perere, Boto cor de rosa, Curupira, mula  
sem cabeça, Yara do mar, lendas urbanas,  
e lenda das bonecas pelencas

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Boto cor de rosa, lenda urbanas. Por que  
é interessante.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

na creche, na TV, nos livros.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Por que assim elas aprende a se cuidar  
mais de si. Sem muitas pessoas ruins ao  
seus

### Questionário de pesquisa:

#### Lendas brasileiras

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima Gastão

Aluno: Dandara Araújo de Oliveira

Idade: 44 anos Série: 5º ano Turma: 1504

1- Quais as lendas que você conhece?

A lenda do boto cor de rosa, da  
Tara, do saci perere, do curupira  
e da loira do banheiro.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Eu gosto da lenda da loira do  
banheiro e da sereia Tara.  
Porque a lenda da Tara fala  
sobre sereia e a da loira do  
banheiro fala sobre terror

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu a conheci na televisão  
quando aos domingos  
passava.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

É importante a de que tenha uma  
boa criatividade e desempenho  
para uma boa imaginação

# Questionário de pesquisa:

## **Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Tatiana do Alencar Gostão

Aluno: Daniel Cavalcante Alves

Idade: 12 Série: 5ª ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

A mula sem coleira, curupira, o Boto  
co de ouro

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

a que eu mais gosto é a lenda  
do curupira

3- Aonde você conheceu essas lendas?

no caso do meu avô  
que me contou essas lendas  
que ele ouviu quando era criança  
na casa da avó dele

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

a importância que as crianças conhecem essas  
as lendas e muito legal



**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima de Oliveira GastosAluno: Gabrielle CristinaIdade: 11 anos Série: 5º Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

A mula sem cabeça, Yara e Boto Cor de rosa,  
Curupira e assombração.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A lenda que eu mais gosto é Boto Cor  
de rosa porque é legal.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Em projetos em sala.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

A importância é porque a prende mais.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima de Oliveira GastãoAluno: Geon de O. Gomes, JúniorIdade: 10 anos Série: 5ª ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Curupira, Saci, Iara, Boto cor de Rosa,  
Mula sem cabeça e Truck.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Iara, Curupira e Truck.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Na sala de leitura.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Sim, elas devem conhecer essas lendas depois

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima GastãoAluno: Ygor Ricardo de O. RibeiroIdade: 11 Série: 5<sup>o</sup> Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Bato cor de Rosa, Curupira, Jara  
mula sem cabeça

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

a lenda do Bato cor de Rosa porque ela  
é muito engraçada e muito legal

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci na escola

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

porque essas lendas foi passada por muitos  
anos e vai se legal e se elas ver elas vai  
gosta das lendas



# Questionário de pesquisa:

## Lendas brasileiras

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima Gastão

Aluno: Thonatan Souza Gomes Moreira

Idade: 12 Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

O Curupira, o Boi, a mula sem cabeça, o boto, a cobra,  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Porque a mula sem cabeça é uma lenda que fala sobre um camião  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3- Aonde você conheceu essas lendas?

filme da minha TV  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Para  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Questionário de pesquisa:**

**Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima Gastão

Aluno: Laísza B. Souza

Idade: 11 anos Série: 5º ano Turma: 1503

1- Quais as lendas que você conhece?

A Sereia, Joca, Jaci e O Boto-cor-de-Rosa e A Lenda  
do Banheiro.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A Sereia Joca e A Lenda do Banheiro.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Na sala de leitura da minha escola e revista.

É importante

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

que as crianças conheçam essas  
lendas porque é possível ter um pouco mais de  
criatividade e uma boa imaginação.

### Questionário de pesquisa:

#### **Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Tatiana de Oliveira Gastão

Aluno: Sarissa dos Santos de Souza

Idade: 10 anos Série: 5º ano Turma: 1509

1- Quais as lendas que você conhece?

A mula sem cabeça, Loba, o Curupira, o  
Boto cor de rosa, e o Saci.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Eu gosto da lenda do Boto cor de rosa. Por-  
que é muito boa a lenda do Boto que as  
meninas ficam dançando com ele na fes-  
ta e quando acaba a festa ele corre pro  
mar e some.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci essas lendas dos livros qu-  
e tem na sala de leitura e na televisã-  
o da minha casa.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

A importância é que as crianças apren-  
dam a importância da leitura.

### Questionário de pesquisa:

#### Lendas brasileiras

Escola Municipal George Sumner

Professora: Tátiana de Oliveira Gontijo

Aluno: Lauro Leonardo A. dos Santos

Idade: 13 anos Série: 5º ano Turma: 2504

1- Quais as lendas que você conhece?

Saci Perere, Iara, Curupira, Boto e o de  
uma mulher sem cabeça.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Iara e Boto e o de - mulher.  
Porque é interessante a história dessas  
duas lendas. Iara é uma sereia muito linda  
que encanta qualquer pessoa. E o Boto é um  
raposo que encanta as moças e depois as matam.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci essas lendas através da minha  
família que sempre me conta histórias  
e através da minha origem porque  
a onde eu morei foi onde quase todos os  
morei.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

É importante que as crianças conheçam  
as lendas porque é interessante e  
para que se descubra mais e mais  
e não se esqueçam.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima de Oliveira GastãoAluno: Leonardo Gomes Pereira AmbrósioIdade: 10 anos Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

O Boto cor de rosa, mula sem calça,  
cucupira,

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A mula sem calça. Eu gosto  
da lenda, porque eu acho bem legal,  
porque eu adoro essa lenda.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci essa lenda na TV canal  
2.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Porque é útil quando precisar.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora:

Fátima de Oliveira Gastão

Aluno:

Therany Evelyn

Idade:

11

Série:

5º ano

Turma:

1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Eu conheço a lenda da Moura das Pedras.  
 A lenda do boto cor de rosa.  
 E a lenda da bula sem cabeça.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A lenda que eu mais gosto é a lenda  
 do boto cor de rosa.  
 Eu gosto da lenda e porque ela é  
 legal.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Na escola.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Porque essas lendas são legais e  
 importante para as crianças.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Estima de Oliveira AguiarAluno: Guam Nascimento da SilvaIdade: 11 anos Série: 5ª Turma: 10301

1- Quais as lendas que você conhece?

Bai-tati, Saci perere, a mula sem cabeça, Curupira, Lata, Boto cor-de-rosa,

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

do Curupira por que ele salva os animais dos caçadores.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

na sala de leitura

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Não sei

# Questionário de pesquisa:

## **Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Patricia de Oliveira Gastão

Aluno: Maria Fernanda de Almeida Gomes

Idade: 10 anos Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

A lenda do boto cor de rosa

A lenda da mula sem cabeça

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Eu gosto da lenda do boto cor de rosa  
por que eu ja fiz a lenda dele na  
sala de leitura e foi muito legal

3- Aonde você conheceu essas lendas?

no projeto

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

por que as crianças gostam e vai  
ser muito legal elas vai gostar

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Estelma de Oliveira GomesAluno: Maíella Hugo VieiraIdade: 10 anos Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Beta coe de ouro, Loba, Curupira, Saci, Bumba meu boi, Seta da lenda, Curupira, Loba, Betatata, Boneco anão, e o Chulé.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Boa. Porque eu gosto de ler e porque eu acho a lenda bonita.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Na sala de leitura e no TV.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Para que todas as crianças tenham acesso de história para contar.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima de Oliveira GastãoAluno: Michelle Batista de PaulaIdade: 10 anos Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

A lenda do Curupira, a lenda da Jara,  
a lenda do Sasi-perere, a lenda do Boto-cor-  
de-rosa, e a lenda da Mula-sem-cabeça.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Eu gosto da lenda da Mula-sem-ca-  
beça, da lenda do Curupira e da lenda  
do Boto-cor-de-rosa. Porque quando eu  
li as lendas eu gostei muito delas.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci essas lendas de livros que  
eu tenho em casa e da sala de Lei-  
tura da minha escola.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

A importância das crianças conhecerem  
essas lendas é para elas lerem muitos  
livros.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Salima de Oliveira CostaAluno: Madine dos Santos BezerraIdade: 31 Série: 5º ano Turma: 150 P

1- Quais as lendas que você conhece?

CurupiraLarasaci pererebotão cor de rosamula sem calça

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

botão cor de rosa por eu já sulirCurupirasaciLara

3- Aonde você conheceu essas lendas?

no folcloreno passeiono projetono projeto

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

sim deve saber como nos

# Questionário de pesquisa:

## Lendas brasileiras

Escola Municipal George Sumner

Professora: Tatiana de Oliveira Gastão

Aluno: Pablo Gomes dos Santos

Idade: 11 Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Curupira - Medusa - Sasi - O lobo com o  
rosto - mula com cabeça - bruxa cageta -  
lupa - taki - Minotauro.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A medusa por que ela tem cabelo de  
cobra - Sasi por que ele pula no uma  
perna só.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

na escola e na rua e na minha  
casa

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Eles precisam saber para não ter medo.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: FátimaAluno: Patrick Candido Souza dos SantosIdade: 10 anos Série: 5º ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Lurupira, Loba, Mula sem cabeça, a Sira do  
banheiro e Minotauro

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Lurupira, Mula sem cabeça, a Sira do  
banheiro e Minotauro

3- Aonde você conheceu essas lendas?

As lendas de dezembro eu conheci no ca-  
nal 2 a Sira do banheiro eu vi no ca-  
nal 11 e a do Minotauro na apostila

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Eu acho muito importante para  
as crianças

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima GortãoAluno: Rafaela Larissa Krupp de AzevedoIdade: 10 anos Série: 5ª ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

O Boto cor de rosa, A seneca Iara.

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

O Boto cor de rosa porque a história do Boto foi muito legal.

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Na sala de leitura da minha avó.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Porque essas lendas são legais e importante para as crianças.

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima de Oliveira GastãoAluno: Rayane da SilvaIdade: 10 anos Série: 5º Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

Iara, Curupira, mula sem cabeça, Curupira,  
Boto cor de Rosa, Saci perereca

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Iara, Boto cor de Rosa, e Saci perereca. Porque  
elas são muito legais para ler

3- Aonde você conheceu essas lendas?

na Sala de leitura.

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Porque as lendas são muito legais  
para as crianças lerem

**Questionário de pesquisa:****Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Latina de Oliveira CostaAluno: Ramon Marcos Brandão ReisIdade: 10 anos Série: 5 ano Turma: 1504

1- Quais as lendas que você conhece?

O Curupira, O Lobo-parece, A mula sem cabeça,  
O Bate-cor de Rosa

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

Ela gosta mais da sem cabeça,  
porque tem suspense e é bem legal

3- Aonde você conheceu essas lendas?

nas escolas

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

É importante que é para as crianças  
ser.

# Questionário de pesquisa:

## **Lendas brasileiras**

Escola Municipal George Sumner

Professora: Fátima de Oliveira

Aluno: Victor Hugo de Jesus Pederneras

Idade: 11 Série: 5ª ano Turma: 1501

1- Quais as lendas que você conhece?

O Curupira - Bato cor de rosa - Sane  
perereca - mula sem cabeça - Iara

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

O Curupira por que ele protege  
m os animais

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheço o Curupira de uma  
história e em outros lugares

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Ele precisa ver para não ter  
medo.

### Questionário de pesquisa:

#### Lendas brasileiras

Escola Municipal George Sumner

Professora: Letícia de V. Gontijo

Aluno: William Henrique da Fonseca

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

1- Quais as lendas que você conhece?

A mula sem cabeça, O Boto cor de rosa, Saram

2- Quais as lendas que você mais gosta? E por quê?

A mula sem cabeça, pois é que eu mais gosto, pois  
foi porque eu fiz mais o pessoal legal e muito interessante  
e fiquei muito feliz?

3- Aonde você conheceu essas lendas?

Eu conheci essas lendas em um mural de copacabana  
foi a minha mãe?

4- Qual a importância das crianças conhecerem essas lendas?

Essas lendas ensinam as crianças muitas coisas  
interessantes e muitas coisas?

MITO: O BOTO COR DE ROSA  
PERSONAGENS: BOTO COR DE ROSA E AS BELAS MOÇAS  
CENÁRIO: BEIRA DE UM LAGO  
ROTEIRO: O BOTO E AS MOÇAS

ERA UMA VEZ UM RAPAZ MUITO BONITO E INTELIGENTE.

ELE CHEGOU NUMA FESTA E TODAS AS MENINAS FICARAM ENCANTADAS COM SUA BELEZA POQUE ELE ERA UM RAPAZ BONITO E INTERESSANTE.

NO FINAL DA FESTA, O BELO RAPAZ FOI SAINDO DE FININHO E CAIU NO RIO.

UM DIA, SURGIRAM VÁRIAS MOÇAS FALANDO QUE O BOTO TINHA MUITOS FILHOS.

MITO: CURUPIRA

PERSONAGENS: CURUPIRA, CAÇADORES E ANIMAIS

CENÁRIO: UMA ILHA

ROTEIRO: A LENDA DO CURUPIRA

NUMA ILHA HAVIA MUITOS ANIMAIS E TAMBÉM HAVIA O CURUPIRA. O CURUPIRA GOSTAVA MUITO DOS ANIMAIS. NUM CERTO DIA, CHEGARAM NA ILHA ALGUNS CAÇADORES. O CURUPIRA OS VIU E TENTOU FUGIR COM OS ANIMAIS. CHEGANDO NA ILHA OS CAÇADORES COMEÇARAM A ATIRAR E COM UM TIRO DE SORTE ACERTARAM UMA ONÇA. A ONÇA ESTAVA MORTA MAS O CURUPIRA VIU E FOI SALVÁ-LA. O CURUPIRA CUROU A ONÇA. OS CAÇADORES VIRAM QUE NÃO IAM CONSEGUIR CAPTURAR OS ANIMAIS E FORAM EMBORA. O CURUPIRA E OS ANIMAIS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE.

MITO: A IARA  
PERSONAGENS: A IARA E O HOMEM  
CENÁRIO: PRAIA DO ARPOADOR  
ROTEIRO: IARA

A IARA ESTAVA NA PRAIA, SENTADA EM UMA PEDRA PENTEANDO SEUS LONGOS CABELOS.

UM HOMEM OUVIU YARA CANTANDO E SE ENCANTOU COM SUA LINDA VOZ.

IARA PULOU PARA O MAR E O ~~HOMEM~~ NADOU ATRÁS DELA. ELA DESAPARECEU E O HOMEM VOLTOU PARA A AREIA.

TODOS OS DIAS O HOMEM IA ATÉ A PRAIA PARA VER SE IARA ESTAVA LÁ. UM DIA ELE VIU IARA SENDO LEVADA PELOS PESCADORES.

O HOMEM ENTROU NO MAR PARA SALVAR IARA.

ELE A SALVOU E ~~OS~~ DOIS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE.

MITO: MULA SEM CABEÇA

PERSONAGENS: A MULA SEM CABEÇA, O CAÇADOR E OS ANIMAIS.

CENÁRIO: FLORESTA

ROTEIRO: A MULA SEM CABEÇA

UMA MULA SEM CABEÇA ESTAVA ANDANDO PELA FLORESTA QUANDO VIU UM CAÇADOR.

O CAÇADOR SE ASSUSTOU COM A MULA SEM CABEÇA E DEU UM TIRO PARA O ALTO.

A MULA REAGIU E ATACOU O CAÇADOR.

O CAÇADOR FUGIU E A MULA E OS ANIMAIS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE.